

EDITORIAL

Os migrantes não são uma fatalidade São uma realidade

“Se não chegarem mais imigrantes a economia deixa de funcionar”. O alerta é de Pedro Góis, sociólogo e investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Em entrevista que deu ao semanário Expresso, Pedro Góis duvida das vantagens dos programas adotados para atrair gente para o interior do país e recomenda a vinda de mais imigrantes para Portugal.

Só quem não está atento à realidade ou quem resolve tirar proveito político da vinda de gente migrante pode discordar da visão deste investigador. Os povos, quando são obrigados a fazer contas à vida, não têm tempo de observar o andamento das sociedades e dos seus problemas. É natural. Acontece que são os menos esclarecidos que mais facilmente são apanhados nas malhas da demagogia e do alarmismo, que se vai verificando com mais ou menos acuidade, não se sabendo se por aventureirismo ou interesse próprio.

Não falta gente a dizer que a vinda até nós de imigrantes denota irresponsabilidade, porque põe em causa a segurança dos portugueses ou rouba a estes os seus postos de trabalho, mas as sociedades devem, apenas, pensar e agir na base das realidades com que se debatem. E a realidade de Portugal é que tem uma população idosa e falta de mão de obra para boa parte dos trabalhos. Os números, quando são estimados na base de informação correta, não iludem. E os censos de 2021 dizem-nos que a percentagem de população de idade avançada (65 e mais anos) representava 23,4%, enquanto a de jovens até aos 14 anos era de apenas 12,9%.

A outra realidade é que, regra geral, as pessoas que migram não roubam postos de trabalho a ninguém. Na maioria dos casos, acabam a fazer os serviços que outros rejeitam. A Europa, em boa medida, desenvolveu-se e cresceu economicamente à custa da gente migrante, porque os naturais dos países passavam ao lado dos serviços menos nobres. É evidente que a mistura de culturas nem sempre é pacífica e que há um importante trabalho de proximidade a fazer, mas o mundo não pode viver com as populações a funcionar em regime de casta, fomentador de ódios e guerras. A harmonia e convivência pacífica dos povos é que faz do mundo um espaço de paz, progresso e justiça social.

Felizmente, Viana do Castelo, que conta já com cerca de 2000 imigrantes, tem tido, por parte do Município, uma política de acolhimento, apoio e enquadramento que deve ser salientada como adequada. Fazer o seu aprofundamento é o que se recomenda.

GFM